

Nacional

Desentendimento entre agricultores e a 'Mozambique Leaf Tobacco'

Cultivo de tabaco em Tete: a indignação que não se pode esconder

Agricultores estão a abandonar o cultivo de tabaco fomentado pela companhia britânica MLT, alegando que depois não têm o que comer. Prometem abandonar a cultura do tabaco para passarem a produzir gergelim. A MLT diz que o tabaco em excesso, que não compra, vem do Malawi. E assegura que irão ficar a produzir tabaco nos distritos de Tete, apenas os bons agricultores. O Governo de Alberto Vaquina monta esquema de censura prévia ao Canal de Moçambique.



José Pantle

Trava-se dura batalha na província de Tete, entre a empresa 'Mozambique Leaf Tobacco' (MLT) e os camponeses locais que trabalham na produção e posterior venda de tabaco a esta empresa de fomento dessa cultura. É um conflito que dura há anos mas que foi sendo resolvido de forma superficial, com os camponeses sempre a se queixarem de saírem prejudicados no negócio de tabaco. Agora a situação chegou a tal nível que já não se pode esconder.

Os camponeses estão a abandonar a cultura de rendimento e acusam a empresa de os querer matar à fome ao mandá-los deixar de produzir alimentos para produzirem tabaco, que depois não é comprado ou se o é, é a preços demasiado baixos que

não permitem a sobrevivência das famílias que se dedicam à monocultura tabaqueira.

A reportagem do Canal de Moçambique em Tete foi ao terreno falar com os agricultores. In loco inteirou-se dos contornos que envolvem o trabalho desses camponeses com a MLT. Deslocámo-nos a alguns distritos da província em que se cultiva tabaco em grande escala. Estivemos, nomeadamente, nos distritos de Macanga e Angónia.

É precisamente nesses distritos que a empresa 'Mozambique Leaf Tobacco' tem a sua maior fatia de fomento de produção de tabaco. É nesses dois distritos de Tete que está o maior número de agricultores que cultivam e vendem tabaco para a MLT.

Percorremos cerca de 300 quilómetros da cidade de Tete até à vila de Ulónguê, capital

do distrito da Angónia que tem limite, a norte e nordeste com a República do Malawi, a oeste com o distrito de Macanga e a sul e leste com o distrito de Tsangano todos da província de Tete.

O distrito da Angónia tem uma área de 3 437 km². Nele a temperatura anda entre 25 e 35 graus centígrados, com precipitação regular, favorável à prática da agricultura não só de tabaco, mas de vários alimentos. Mas o nosso destino final era o posto administrativo de Domué, concretamente a localidade de Nkame, a cerca de 45 da vila sede do distrito da Angónia, para o interior.

Em Nkame nos campos não floresce mais nada senão o tabaco. Os camponeses locais foram atraídos a deixar de cultivar culturas de consumo para se dedicarem ao cultivo de taba-

co para posterior venda à MLT e isto virou tradição. No ano de 1996, entra a 'Mozambique Leaf Tobacco' na região para fomentar o cultivo de tabaco junto dos camponeses locais, como cultura de rendimento. Na verdade esta empresa veio substituir uma outra que já promovia cultivo e compra de tabaco, a Daimon, uma empresa cuja sua retirada de Tete criou muita polémica tendo acontecido até a intervenção do Governo no assunto, mas isso é outro assunto.

Em Nkame só se vêem campos de cultivo de tabaco. Durante mais de uma hora de percurso de carro partindo da vila de Ulónguê à localidade, só nos cruzamos com viaturas a transportar o tabaco. É tabaco por todo o lado. Uma área de absoluta monocultura.

Cerca das 10 horas da manhã, entramos na pacata localidade de Nkame, onde há falta de quase tudo, desde posto sanitário, posto policial e tudo o que por norma é serviço providenciado pelo Estado aos cidadãos. Nota-se em Nkame total ausência do Estado.

O tabaco virou um drama para a população

Para a população da localidade de Nkame, a sua sobrevivência reside na cultura de tabaco, mas nos últimos tempos, tendem a abandonar a actividade devido a alguns procedimentos da empresa que faz o fomento - a MLT. Segundo contam os agricultores na primeira pessoa, estão a ser prejudicados pela companhia que lhes veio a ensinar que o tabaco podia ser fonte de sobrevivência.

O que eles dizem...

Manuel Sousa, de 65 anos de

idade, agricultor há vários anos e que se dedica ao cultivo de tabaco desde os tempos da antiga fomentadora, a Daimon, conta à reportagem do Canal de Moçambique aquilo que classifica como "injustiças" de que se diz vítima. Acusa a MLT de o estar a "prejudicar" e não esconde as suas "saudades do passado".

"Com a antiga fomentadora estava tudo bem". Refere-se à Daimon. "Até ficámos indignados quando ouvimos dizer que a empresa estava a ir embora. Mas ficámos sossegados quando nos foi anunciada a vinda de outra empresa, a chamada 'Mozambique Leaf Tobacco'. Nada poderíamos fazer. Tudo já estava feito ao nível governamental. A nós apenas nos foi comunicado a mudança das empresas", conta o agricultor.

Sousa diz-nos não ter demorado para notar que a mudança na fomentadora do cultivo de tabaco não tinha sido para melhor. "Quando um agricultor trabalha na terra, a sua esperança é de produzir e ver isso trazer-lhe vantagens. Neste caso que é para comercializar, a vantagem é o lucro".

"Para nós, agricultores do distrito de Angónia, a empresa [MLT] trabalhou bem durante alguns anos, mas a situação agudizou-se a partir do ano 2007 para cá", conta o agricultor e menciona os principais "problemas" que opõem os agricultores que se fidelizaram à empresa MLT.

"A pesagem do tabaco, a modalidade da compra por fases, a classificação do tabaco cria falta de bom relacionamento conosco os agricultores quando nós é que garantimos a vida da empresa", menciona, lamentando-se.

Uma senhora, de nome

(Continua na página seguinte)

Nacional

Tama Rosário, também agricultora de tabaco, secunda as declarações de Manuel Sousa e repisa na "falta de bom relacionamento com a empresa".

"Com a empresa a relação de comunicação não existe. Estamos a ser vítimas de roubo na pesagem do tabaco e a situação está a piorar de ano para ano. Produzimos com todo esforço, envolvemos trabalhadores sazonais para nos ajudarem, que só recebem no fim da campanha, mas agora trouxemos aqui o tabaco para a empresa e esta decide unilateralmente".

"Dizem-nos que 'a compra do tabaco será por fases' e obrigam-nos a fazer tantas viagens, dias e noites para chegar ao centro de produção, e depois só nos compram dois a cinco fardos", prossegue a senhora.

E logo a seguir pergunta: "O que nós faremos com o que sobra?"

"Tabaco não se cozinha para alimentar nossas famílias", comenta, indignada Tama Rosário.

Agricultores amotinam-se

diante da empresa

Já na vila Ulônguê, concretamente nos armazéns e centro de compra do tabaco da MLT, mais de setenta agricultores amotinaram-se pedindo explicações sobre a mudança de modalidade de compra do tabaco. Exigem transparência na classificação do produto. Prometiam abandonar a cultura caso as suas exigências não fossem satisfeitas.

"Somos agricultores, sim, mas não burros. Estão a desprezar-nos. Quando alguém quer implementar algo, que nos afete, deve haver um diálogo. Não podem surpreender-nos assim, chegarmos aqui e eles nos dizem que 'a empresa vai comprar por fases'. Isto só pode ser brincadeira", disse-nos Mainote Totsito, um dos agricultores que estava no motim contra a MLT.

"Os motins aqui são regulares", conta-nos um dos agricultores. "Mas parece não haver sensibilidade da parte da empresa".

Tabaco apodrece nas casas

dos agricultores

Noriva Samuel, agricultora há mais de quinze anos e com longa experiência de produção de tabaco desde os tempos da Daimon, disse ao Canal de Moçambique: "Nunca na história da cultura de tabaco nós ficamos aqui em Nkame com tabaco nas nossas casas. Agora a empresa diz que já atingiu a sua meta e não vai comprar mais. Isto nunca aconteceu. Só agora está a acontecer. O que será de nós que todo o ano dedicámos as nossas energias a esta cultura? Agora que já produzimos vem dizer-nos que não vão comprar mais? Para mim, a próxima cultura a cultivar é gergelim. Tabaco nem pensar. Nunca mais", conclui revoltada.

A tristeza dos agricultores sente-se por todo o lado. Estão revoltados. Estão indignados. Visitámos o mercado local, onde se comercializa maioritariamente produtos de primeira necessidade e electrodomésticos, como rádios, baterias e painéis solares. Aqui

não se foge à regra. Todos falam do "maldito" tabaco.

Moze Tsamica diz-nos: "Nós fomos gozados. Temos diversos fardos, cerca de sete mil

fardos quase em toda zona de Nkame. Este é um assunto de toda zona, e está decidido que para o ano de 2012, vamos abandonar o tabaco".



Alberto Vaquina

Trabalhadores da fábrica de processamento também revoltados

Como havíamos reportado sobre a greve dos trabalhadores da MLT, há dois meses, voltámos a visitar a empresa para ouvir dos trabalhadores o que teria mudado após a greve.

Estes reivindicavam "fardamento para trabalho", e "queixavam-se da falta de transporte". Pediam ainda "alimentação condigna".

Agora, Virgílio Somathe disse ao Canal de Moçambique que as "injustiças continuam".

Outro trabalhador da fá-

brica de processamento, de nome Luís Moisés, diz-nos que duvida que algum dia os problemas da empresa sejam resolvidos. Queixa-se de ausência do apoio do Governo.

"Duvidamos que os nossos problemas venham a ser resolvidos. Já passam dois meses que fizemos greve mas nada mudou. O governador veio cá, mas não se reuniu connosco". "Esteve apenas com a direcção da empresa".



Director-geral da MLT dá versões diferentes

Roger Hager, director-geral da MLT, deu duas versões diferentes sobre os problemas da empresa com os camponeses. Durante uma visita do Governo de Tete, liderada pelo governador Alberto Vaquina, o dirigente da MLT reconheceu existir "tabaco que os agricultores dizem que não foi comprado", e prometeu resolver. Na altura disse que "está a ser feito um trabalho de base". Prometeu que "a direcção da empresa tomará uma posição".

Entretanto, agora quando confrontado com este assunto pelo Canal de Moçambique,

Hager disse que a MLT "não vai comprar o tabaco que está nas mãos dos camponeses, por suspeitar que o mesmo foi trazido do vizinho Malawi".

Quanto à ameaça de abandono da actividade pelos agricultores, Hager disse: "Os piores agricultores saem, mas os melhores ficam. Para nós isso é normal".

Governo exclui o Canal de Moçambique da visita à MLT

A visita do governador de Tete à MLT foi feita de forma selectiva. Só foram convidados

alguns órgãos de informação. Os órgãos de Comunicação Social que se recusam a esconder certas realidades foram ignorados. Mesmo assim não nos deixámos ficar por essa forma de censura prévia. A nossa reportagem deslocou-se para o terreno sem ser a expensas do Governo. Chegados lá, um aparatoso grupo de seguranças de Alberto Vaquina fechou-nos a possibilidade de nos aproximarmos do governador. Assim, quiseram-nos impedir de escrever esta história, impedindo-nos de ouvir a versão do Governo de Tete. (Canal de Moçambique)

